

10 ANOS SEM GINÁSIOS VOCACIONAIS

Dia 12/12/1969 pais e professores são presos em Americana e Barretos.

Morria uma experiência educacional que partia dos problemas da região e procurava integrar a comunidade.

Roberto Barreiro Fº

Tudo começou em 1959, na cidade de Socorro numa escola tradicional que abriu 4 classes experimentais. Pretendia-se desenvolver o sentido crítico, o desenvolvimento do pensamento, o estudo da realidade social. Tal proposta chamou atenção de pais e professores, embora os alunos se tivessem adaptado. Eram estudados problemas do bairro, da cidade e outros mais gerais. O texto de aula eram jornais e revistas. Era necessário levar o aluno a não aceitar de imediato o que lhe diziam, questionando os porquês, aprendendo através de problemas. Os professores se reuniam para juntos aprender a ensinar e não apenas dar aula. Havia unidades em Americana, S. S. Caetano, Rio Claro, Batatais e Barretos com 5 mil alunos. Cerca de 7 mil estagiários passaram por lá. Os alunos estudavam o meio, trabalhavam em grupo, estabeleciam normas. Professores e alunos aprendiam juntos,



Maria Nilde

sem autoritarismo, porque às vezes os alunos é que faziam as exposições. Os pais iam à escola, colaborando diretamente, com total liberdade de ação e voz. Não havia prova mas a avaliação era constante.

Também foram criados os giná-

sios noturnos de 3 horas, para trabalhadores em que o tempo se dividia entre lazer e aula, em partes iguais. O grupo discutia seus problemas em sala e os aplicava no dia-a-dia na área profissional.

Havia também cursos complementares, ministrados no fim de semana, a que desde logo compareceram duas mil pessoas que lotavam a escola, discutindo seus problemas numa verdadeira dinâmica de grupo.

O auge da experiência, em 1968, coincidiu com a maior repressão, que já era feita mediante boicotes, a documentos e a verbas. Em 68/69 havia a presença de investigadores nas secretarias.

A profª Maria Nilde é afastada "como subversiva". Ironicamente, uma semana depois, o então Min. da Educação, Tarso Dutra, a encontra em Porto Alegre na reunião da SBPC em 69. Cumprimenta-a efusivamente "pe-

lo trabalho brilhante, experiência pedagógica de grande valor e esperança do ensino secundário do Brasil".

A experiência do ensino vocacional começa a cair. Acusação: se a coisa não era subversiva, a sua dinâmica era subversiva (lembrem-se da estória do lobo e do cordeiro?).

Dia 12/12/69. Prisões em Barretos e Americana. Levados para Campinas professores e pais. Lá respondem a interrogatórios de até 12 horas. O coronel Argos Gomes, do quartel de Campinas, admite o caráter renovador do Vocacional: contudo, há um desvirtuamento subversivo da experiência. As Associações de Pais rejeitam a acusação de ser o Vocacional um perigo para a harmonia familiar. Lançam um abaixo-assinado com 5 mil assinaturas. Enfim, é abortada uma escola renovadora que questionou a educação alienada.

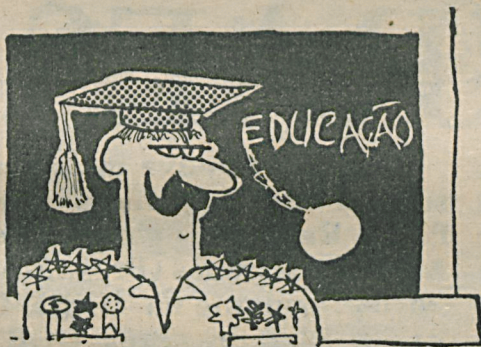
OLHA A "JUSTA"!

Maria Nilde Mascellani, fundadora dos Ginásios Vocacionais e atual professora de Planejamento Educacional e de Educação Popular na PUC, dá depoimento de como a "Justiça" a atingiu.

Foi aposentada pelo AI-5 por despacho do SNI ao Min. Justiça. Publicada no Diário Oficial a 4/11/70, sua aposentadoria nasceu de inquérito sobre suspeita de conduta e elaboração de pedagogia subversiva nos Ginásios Estaduais Vocacionais de SP. Foi afastada em 1969 da coordenação do órgão ligado aos Vocacionais, diretamente subordinado ao Gabinete do Secretário da Educação. Pretendia-se uma inovação pedagógica através de unidades experimentais. A extinção da experiência culminou com a invasão policial de seis estabelecimentos de ensino, com detenção de alunos, professores e até pais. Seguiu-se uma onda de interrogatórios, afastamentos e prisões.

O IPM foi arquivado em 1973, por falta de provas. A profa. Maria Nilde obteve certidões das Auditorias Militares de que "nada mais consta contra ela". Entretanto, antes que a IPM chegasse ao desenlace, foi publicada a aposentadoria pelo AI-5, assinada pelo Gen. Emilio Médici e pelo Min. da Justiça Alfredo Buzaid.

Entre 69-73, Maria Nilde respondeu a 67 interrogatórios que variaram de 4 horas a 8 dias consecutivos. Foi detida 2 vezes sendo devassados sua casa e escritório de planejamento educacional. Seu ingresso na PUC em 1971 na antiga Fac. Psicologia "Sedes Sapientiae" deu-se através de Madre Cristina e de Dom Padim então vice-reitor. Neste tempo havia investigadores policiais nas salas de aula. Agentes



do SNI buscavam informações periodicamente nos setores da PUC. Em 74 a profa. Nilde ficou detida no DOPS até fins de março, por causa de um trabalho que ela fizera para o Conselho Mundial das Igrejas sobre a influência do civismo no povo brasileiro. A professora foi absolvida apenas em 76, por unanimidade de votos.

Esta posição clara e crítica contra o momento de 64 custou a Maria Nilde a aposentadoria — que não é paga — além da perda da visão direita como resultado dos interrogatórios do DOPS em 74. No momento ela responde a um processo administrativo junto à Fazenda do Estado de S. Paulo, como desdobramento do IPM arquivado em 73, por determinação do então governador Laudo Natel e por inspiração de seu Secretário de Segurança Erasmo Dias. Estes senhores não aceitaram a suspensão da prisão preventiva, vitória esta conseguida graças ao apoio da opinião pública, da sociedade civil e pelo empenho de Paulo Evaristo, que também lhe conseguiu a quebra da incomunicabilidade após 34 dias, em 74.

Tendo recebido vários convites para trabalhar em instituições educacionais no Exterior não conseguiu a liberação de documentos do visto de saída.

A ESCOLA NÃO PAROU



Ingressei no Ginásio Vocacional "Oswaldo Aranha" em 1962. Éramos 90 alunos, divididos em 3 classes. Organizávamos livremente os trabalhos em equipe: creio que aí esteja a maior virtude do sistema vocacional. Todos os alunos, em suas equipes, sempre foram chamados a participar das atividades: assim, criávamos em cada um de nós a idéia de que é impossível a solução individual de todos os problemas.

Partíamos do estudo da vida de cada um de nós para o estudo do bairro, da cidade, do Estado e do País. O programa do ginásio chegou à história universal. Todas as áreas seguiam as diretrizes dos estudos sociais. Sempre se incentivou a pesquisa (bibliográfica, estudo do meio, entrevistas, consulta a arquivos, etc), o posicionamento do aluno perante vários temas, sublinhando a importância da perspectiva crítica e a necessidade de propostas alternativas de solução. Aí estava, a meu ver, a maior ameaça que o Vocacional representou, segundo a ótica das autoridades constituídas.

Ficou demonstrada a importância em dar condições ao aluno de resolver problemas, mais que dar-lhe informações prontas e distorcidas. Deste modo, sem qualquer orientação política da Direção, mas apenas partindo do estudo da realidade, os alunos ganharam condições de intervir no processo político, auto-organizando-se com eficiência e rapidez. Isto ocorreu em 1965

quando a Secretaria da Educação interveio no ginásio. Os alunos, por conta própria, resolveram em assembleia geral continuar as atividades escolares, substituindo seus professores afastados de suas funções pela Secretaria da Educação. O sistema vocacional impedia que o Estado implantasse a mediocridade na Educação, como forma de alijar a população do processo político. Seguiu-se então uma semana de aulas de revisão, em todas as áreas cujos professores eram os alunos de 3a. e 4a. séries ginásiais. Uma equipe fez a orientação pedagógica e educacional. Assim, tivemos um ginásio com 4 séries e 450 alunos em plena atividade. Embora não disponha de dados efetivos, verifico através de contatos com ex-alunos daquele período, que estes assumem posições de liderança e direção. Quanto a posições políticas há diversos posicionamentos de esquerda, bem como indivíduos de postura liberal. Tal variedade demonstra a preocupação básica do ensino vocacional em formar profissionais que interferissem no processo político, independente de posicionamento ideológico. Não tenho dúvidas de que a experiência foi altamente positiva, como forma de educação voltada aos interesses da população. Isto não interessou, nem interessa, ao governo, que se apressou em destruir a experiência dos Ginásios Vocacionais.

prof. Pedro Paulo Manus
diretor da APROPUC